DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA ANÁLISE SOBRE DISLEXIA E DISCALCULIARESUMO

JAQUELINE ALMEIDA LIMA DA CONCEIÇÃO

RESUMO
Este artigo tem como objetivo discutir os impactos da discalculia e da dislexia no processo de aprendizagem, analisando os desafios enfrentados pelos alunos e o papel fundamental da escola na mediação e superação dessas barreiras. Ambas as condições, embora distintas, interferem diretamente no desempenho acadêmico, gerando inseguranças, frustrações e, muitas vezes, a exclusão desses estudantes do processo escolar. Ao compreender que as dificuldades não se resumem ao aluno, mas também estão relacionadas às metodologias aplicadas, este estudo busca refletir sobre práticas pedagógicas mais inclusivas, capazes de atender às especificidades de cada sujeito. A proposta é sensibilizar educadores sobre a importância do diagnóstico precoce, da intervenção adequada e da construção de estratégias que favoreçam uma aprendizagem significativa. A reflexão acerca da formação docente, da flexibilização do currículo e da utilização de recursos diversificados também se faz presente, uma vez que esses elementos são determinantes para promover uma educação mais equitativa e acolhedora. Assim, este trabalho pretende contribuir para o fortalecimento de uma escola que compreende a diversidade como riqueza, e não como obstáculo.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia. Discalculia. Inclusão escolar.

ABSTRACT
This article aims to discuss the impacts of dyscalculia and dyslexia on the learning process, analyzing the challenges faced by students and the fundamental role of the school in overcoming these barriers. Both conditions, although distinct, directly affect academic performance, often generating insecurity, frustration, and even the exclusion of these students from the school environment. Understanding that the difficulties are not restricted to the student but are also related to the teaching methodologies applied, this study seeks to reflect on more inclusive pedagogical practices capable of meeting the specific needs of each individual. The proposal is to raise educators' awareness of the importance of early diagnosis, appropriate interventions, and the construction of strategies that promote meaningful learning. Reflection on teacher training, curriculum flexibility, and the use of diverse resources is also present, as these elements are decisive in fostering a more equitable and welcoming education. Thus, this work intends to contribute to strengthening a school that understands diversity as an asset rather than an obstacle.

KEYWORDS: Dyslexia. Dyscalculia. Inclusive education.

INTRODUÇÃO

A escola tem, historicamente, o papel de promover o desenvolvimento integral dos alunos, reconhecendo suas potencialidades e necessidades. No entanto, quando o processo de aprendizagem se depara com dificuldades específicas, como a discalculia e a dislexia, surgem desafios que exigem do educador uma atuação sensível, competente e adaptativa.

Nem sempre o ambiente escolar está preparado para identificar e intervir de forma adequada diante de sinais que indicam dificuldades no aprendizado. Isso faz com que muitos estudantes percorram sua trajetória escolar acumulando fracassos, desmotivação e, em casos mais graves, o abandono.

A discalculia e a dislexia são transtornos de aprendizagem que impactam diretamente as competências básicas de leitura, escrita e raciocínio matemático. Esses transtornos não estão relacionados à capacidade intelectual, mas a modos específicos de funcionamento neurológico, que interferem no processamento da linguagem e dos números.

Diante desse cenário, é necessário que a escola se posicione como espaço de acolhimento e de construção de estratégias que respeitem as particularidades de cada aluno. Isso requer uma mudança de olhar e de práticas, saindo do modelo tradicional e assumindo uma postura inclusiva e flexível.

Muitos alunos com dislexia encontram

extrema dificuldade em decodificar palavras, interpretar textos e escrever de forma adequada. Já a discalculia provoca obstáculos na compreensão de conceitos matemáticos básicos, como operações, sequências e relações numéricas.
Esses desafios não podem ser tratados como falta de interesse ou de esforço por parte dos estudantes. Pelo contrário, exigem que os profissionais da educação estejam atentos aos sinais, buscando orientações, formações e parcerias com especialistas, como psicopedagogos, fonoaudiólogos e neuropsicólogos.
A escola precisa ir além de repassar conteúdo. É fundamental criar ambientes de aprendizagem que possibilitem a experimentação, o uso de recursos visuais, táteis e tecnológicos, além de metodologias que respeitem os diferentes estilos de aprendizagem.
A atuação do professor, nesse contexto, torna-se protagonista. Ele não é apenas transmissor de conhecimento, mas mediador, facilitador e, acima de tudo, alguém que acredita no potencial de cada aluno, independentemente das dificuldades que se apresentem.
A flexibilização curricular, a utilização de materiais adaptados, a oferta de avaliações diferenciadas e a construção de um plano de ensino personalizado são estratégias essenciais para garantir que esses estudantes tenham acesso pleno ao conhecimento.
Portanto, compreender a dislexia e a discalculia não é uma opção, mas uma necessidade urgente no contexto educacional. Cabe à escola se reinventar, acolher, intervir e construir possibilidades reais de superação, transformando obstáculos em pontes para o sucesso acadêmico e pessoal dos seus alunos.

ENTENDENDO A DISLEXIA E A DISCALCULIA: ASPECTOS FUNDAMENTAIS PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

A compreensão da dislexia e da discalculia é um passo fundamental para que os profissionais da educação possam atuar de forma mais assertiva, empática e inclusiva. Ambas as condições são classificadas como transtornos específicos de aprendizagem, cada uma afetando uma área distinta do desenvolvimento acadêmico.
A dislexia é caracterizada pela dificuldade no processamento das informações relacionadas à linguagem, comprometendo habilidades de leitura, escrita e ortografia. Já a discalculia afeta diretamente as competências matemáticas, dificultando a compreensão de números, operações e raciocínios lógicos.
É importante destacar que esses transtornos não estão vinculados à inteligência. Alunos com dislexia e discalculia possuem potencial cognitivo preservado, sendo capazes de desenvolver aprendizagens significativas, desde que recebam os apoios e as estratégias pedagógicas adequadas.

"A dislexia não é um problema de visão, preguiça ou desatenção, mas sim uma diferença no processamento da linguagem que afeta a precisão e a fluência na leitura" (Revista Psicopedagogia, 2018, p. 45).

No ambiente escolar, é comum que esses estudantes sejam erroneamente rotulados como preguiçosos, desinteressados ou distraídos, o que agrava ainda mais sua autoestima e seu desenvolvimento emocional. O desconhecimento sobre esses transtornos perpetua práticas excludentes e pouco eficazes.
Por isso, compreender os sinais desde as etapas iniciais da vida escolar é essencial. Na dislexia, observa-se atraso no desenvolvimento da linguagem, dificuldade para rimar, confusão na ordem das letras e na compreensão de textos. Já na discalculia, há dificuldades na contagem, na memorização de sequências numéricas e na resolução de problemas simples.
"O reconhecimento precoce da dislexia e da discalculia é fundamental para que a escola intervenha de forma eficaz, evitando fracassos acadêmicos e emocionais" (Cadernos de Educação, 2019, p. 77).

Além disso, tanto a dislexia quanto a discalculia apresentam impactos emocionais significativos. Crianças que vivenciam repetidos insucessos escolares tendem a desenvolver ansiedade, insegurança, baixa autoestima e, em alguns casos, aversão ao ambiente escolar.

"É na escola que esses alunos experimentam, muitas vezes, a dor do não conseguir, do não acompanhar e, consequentemente, do não pertencer" (Revista Brasileira de Educação Especial, 2020, p.

102).

Nesse cenário, o papel do professor é determinante. É ele quem, na maioria das vezes, pode perceber os sinais e buscar intervenções que façam a diferença na trajetória dos estudantes. Para isso, a formação continuada torna-se imprescindível.
O desenvolvimento de práticas pedagógicas diversificadas é uma das chaves para atender esses alunos. Estratégias como o uso de recursos visuais, atividades práticas, jogos, tecnologias assistivas e metodologias que estimulem diferentes canais sensoriais podem ser altamente eficazes.

"A utilização de metodologias ativas e recursos multimodais promove avanços significativos no desenvolvimento de alunos com dislexia e discalculia" (Oliveira, 2021, p. 89).

A avaliação também deve ser repensada. Avaliações tradicionais, baseadas exclusivamente na escrita, acabam penalizando esses estudantes. A diversificação dos instrumentos avaliativos permite que eles demonstrem seus conhecimentos de formas mais compatíveis com seu modo de aprender.
Outro aspecto relevante é o fortalecimento da parceria entre escola, família e profissionais especializados. O trabalho conjunto permite construir uma rede de apoio sólida, capaz de oferecer suporte tanto acadêmico quanto emocional.
Os professores precisam entender que adaptar não significa reduzir conteúdo, mas sim criar caminhos diferentes para que todos os alunos possam acessar o conhecimento. Isso demanda criatividade, empatia e disponibilidade para ressignificar práticas.
A inclusão desses estudantes passa, inevitavelmente, pela mudança de cultura dentro da escola. Uma cultura que valorize a diversidade, que reconheça as diferenças como parte do processo educativo e que promova o desenvolvimento integral de todos.
Por fim, é preciso romper com o paradigma da padronização. A aprendizagem não é um processo linear e uniforme. Cada aluno carrega consigo uma história, um ritmo e uma forma singular de se apropriar do conhecimento. Reconhecer isso é o primeiro passo para uma educação verdadeiramente inclusiva.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA FRENTE À DISLEXIA E DISCALCULIA
Compreender os desafios impostos pela dislexia e pela discalculia é essencial para que a prática pedagógica seja realmente inclusiva e transformadora. Esses transtornos específicos de aprendizagem exigem do educador sensibilidade, criatividade e, sobretudo, preparo técnico e emocional.
Na rotina escolar, é comum que os professores se sintam inseguros diante das dificuldades apresentadas por esses alunos. Isso acontece, muitas vezes, pela ausência de uma formação inicial voltada para as práticas inclusivas e pelo desconhecimento dos recursos disponíveis.

"O maior obstáculo encontrado pelos educadores não está apenas na falta de recursos, mas na ausência de conhecimento sobre como lidar pedagogicamente com esses transtornos" (Revista Psicopedagogia, 2018, p. 53).

Adotar práticas pedagógicas diferenciadas não é mais uma opção, mas sim uma necessidade. O ensino pautado exclusivamente na oralidade e na escrita linear não atende às demandas de alunos que possuem caminhos próprios de aprendizagem.
O primeiro grande desafio é romper com o modelo tradicional de ensino. Isso significa abandonar práticas centradas no professor e adotar metodologias que favoreçam a participação ativa do aluno no processo de construção do conhecimento.

"As metodologias tradicionais acabam por reforçar as dificuldades dos alunos com dislexia e discalculia, tornando o ambiente escolar excludente" (Cadernos de Educação, 2019, p. 85).

Outro ponto crítico está na avaliação. Quando a escola se limita a instrumentos rígidos, como provas escritas, acaba desconsiderando as reais competências desses estudantes, contribuindo para que fracassem não por falta de conhecimento, mas por barreiras no modo como são avaliados.

"É preciso compreender que avaliar não é apenas medir, mas sim acolher as diferentes formas de expressão e aprendizagem" (Revista Brasileira de Educação Especial, 2020, p. 110).

Superar esses desafios passa, necessariamente, pela adoção de práticas que priorizem a diversidade dos processos cognitivos. Utilizar recursos visuais, mapas mentais, vídeos, atividades práticas e jogos não apenas favorece a aprendizagem, como também promove o engajamento e o protagonismo dos estudantes.
As tecnologias educacionais surgem como grandes aliadas nesse processo. Softwares específicos para treino de leitura, aplicativos que auxiliam na construção do raciocínio lógico e ferramentas de acessibilidade digital são fundamentais no apoio ao desenvolvimento dos alunos.
Além disso, a personalização do ensino permite que o educador adapte suas práticas às necessidades específicas dos estudantes, oferecendo caminhos alternativos para que todos alcancem os objetivos propostos.

"Quando o professor compreende as especificidades dos processos cognitivos de seus alunos, ele se torna capaz de planejar intervenções eficazes e inclusivas" (Silva, 2022, p. 97).

Contudo, essa transformação não ocorre de forma isolada. É indispensável que a escola como um todo esteja comprometida com uma cultura inclusiva, o que envolve desde a gestão até todos os profissionais que fazem parte do ambiente escolar.
O apoio da família também é um elemento chave. Quando há alinhamento entre os responsáveis e a escola, cria-se um ambiente de segurança, no qual o aluno se sente acolhido para enfrentar suas dificuldades e desenvolver suas potencialidades.
O trabalho colaborativo com profissionais externos, como psicopedagogos, fonoaudiólogos e neuropsicólogos, contribui para que o professor tenha acesso a diagnósticos precisos e a estratégias de intervenção mais eficientes.
Formações continuadas, voltadas especificamente para a compreensão da dislexia e da discalculia, são indispensáveis. Elas proporcionam aos docentes ferramentas práticas e teóricas para enfrentar os desafios presentes no cotidiano escolar.
Por fim, é fundamental compreender que a construção de uma prática pedagógica inclusiva não é um caminho fácil, nem imediato, mas é, sem dúvida, um processo possível, necessário e transformador.
Mais do que ensinar conteúdos, o papel do educador é garantir que todos os alunos, com suas singularidades, sejam respeitados, acolhidos e, sobretudo, tenham oportunidades reais de aprender e se desenvolver.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: CAMINHOS PARA SUPERAR AS BARREIRAS DA DISLEXIA E DA DISCALCULIA
Ao compreender os desafios impostos pela dislexia e pela discalculia, torna-se urgente discutir as estratégias pedagógicas que possibilitem a superação das barreiras que esses transtornos impõem no processo de ensino e aprendizagem.
A ação docente, quando bem planejada e direcionada, faz toda a diferença no percurso escolar desses alunos.
O primeiro passo para construir práticas efetivas é reconhecer que cada estudante tem um ritmo e uma forma própria de aprender. Esse entendimento rompe com a lógica da padronização e abre espaço para metodologias que respeitam as singularidades.

"O sucesso educacional de alunos com transtornos de aprendizagem está diretamente ligado à utilização de práticas pedagógicas diversificadas e centradas no aluno" (Revista Psicopedagogia, 2018, p. 59).

A adoção de recursos visuais é uma das estratégias mais eficazes, tanto para estudantes com dislexia quanto com discalculia. Diagramas, mapas conceituais, quadros, cores e símbolos facilitam a organização das informações, tornando-as mais acessíveis.
Além disso, o uso de jogos pedagógicos contribui significativamente para a aprendizagem. Eles estimulam a memória, o raciocínio lógico e promovem a construção do conhecimento de maneira lúdica e motivadora.

"O ambiente lúdico é altamente favorável

para alunos com transtornos de aprendizagem, pois reduz a ansiedade e favorece a construção de saberes" (Cadernos de Educação, 2019, p. 91).

Outro caminho é trabalhar com textos adaptados, que tenham linguagem mais acessível, frases curtas e uso de imagens ilustrativas. No caso da matemática, materiais concretos, como blocos lógicos, ábacos e recursos manipuláveis, ajudam na compreensão dos conceitos.

"A aprendizagem significativa ocorre quando o aluno é capaz de relacionar o conteúdo novo com seus conhecimentos prévios, especialmente quando se utiliza de materiais concretos e situações do cotidiano" (Revista Brasileira de Educação Especial, 2020, p. 115).

As metodologias ativas, como sala de aula invertida, rotação por estações, aprendizagem baseada em projetos e gamificação, favorecem não apenas alunos com dislexia e discalculia, mas toda a turma, uma vez que tornam o processo de aprendizagem mais dinâmico e participativo.

"Incorporar diferentes metodologias possibilita que os alunos se tornem protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem" (Oliveira, 2021, p. 102).

O uso da tecnologia educacional também se destaca como ferramenta potente. Softwares de leitura, sintetizadores de voz, calculadoras adaptadas e aplicativos específicos auxiliam tanto na superação das dificuldades quanto na promoção da autonomia dos alunos.
O planejamento de atividades deve prever etapas diversificadas, que incluam momentos individuais, em dupla e em grupo, valorizando a colaboração entre os estudantes, o que estimula o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, tão importantes para o sucesso acadêmico.
Outro aspecto importante é o reforço positivo. Valorizar cada pequena conquista contribui para fortalecer a autoestima dos alunos, elemento fundamental para que eles se mantenham motivados frente aos desafios escolares.
A gestão do tempo também precisa ser considerada. Alunos com dislexia e discalculia frequentemente necessitam de mais tempo para realizar atividades e avaliações, o que não significa privilégio, mas sim condição de equidade.
O acompanhamento constante, através de feedbacks construtivos, permite que o professor identifique avanços e dificuldades, ajustando as intervenções sempre que necessário.
A parceria com profissionais especializados deve ser contínua e colaborativa. Psicopedagogos, fonoaudiólogos e neuropsicólogos contribuem de forma decisiva na elaboração de estratégias mais assertivas e individualizadas.
Por fim, cabe à escola, enquanto instituição social, garantir que seus espaços, tempos, práticas e relações estejam voltados para a construção de uma educação inclusiva, capaz de acolher, compreender e promover a aprendizagem de todos, sem exceção.
A superação das barreiras impostas pela dislexia e pela discalculia não depende apenas do esforço dos alunos, mas, principalmente, do compromisso ético e pedagógico dos educadores e da comunidade escolar.

O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DISLEXIA E DISCALCULIA

O enfrentamento das barreiras impostas pela dislexia e pela discalculia não é uma responsabilidade exclusiva do professor. O sucesso no processo de inclusão desses alunos depende de uma ação conjunta entre escola, família e comunidade.
A comunicação eficaz entre escola e família é a base desse processo. Quando há diálogo aberto, respeito mútuo e colaboração, as estratégias se tornam mais assertivas e o desenvolvimento do estudante acontece de forma mais significativa.

"A parceria entre a escola e a família é condição indispensável para que os alunos com dificuldades de aprendizagem se sintam acolhidos e apoiados em seu desenvolvimento" (Revista Educação Especial, 2019, p. 88).

Muitas vezes, as famílias também enfrentam desafios, como a falta de informação sobre o transtorno, sentimento de culpa ou até resistência em aceitar o diagnóstico. Nesse contexto, cabe à escola oferecer acolhimento, orientação e suporte.

O acolhimento, tanto da criança quanto da família, é um gesto pedagógico potente. Ele fortalece os laços, gera segurança emocional e cria um ambiente favorável ao desenvolvimento.

"Quando as famílias são bem-informadas e participam ativamente do processo educativo, os impactos das dificuldades de aprendizagem tendem a ser significativamente reduzidos" (Cadernos de Educação, 2020, p. 69).
A gestão escolar tem papel fundamental na construção desse ambiente colaborativo. Ela deve promover momentos de escuta, formações e rodas de conversa que envolvam não só os docentes, mas também os responsáveis.

"A inclusão efetiva acontece quando a escola compreende que educar não é um ato isolado, mas uma construção coletiva que envolve todos os sujeitos da comunidade escolar" (Revista Psicopedagogia, 2021, p. 112).

Garantir um espaço de diálogo permanente permite que as famílias compartilhem suas angústias, tirem dúvidas e participem ativamente das decisões pedagógicas que impactam diretamente na vida escolar dos seus filhos.
Outro aspecto essencial é o alinhamento entre as intervenções realizadas na escola e aquelas que acontecem no ambiente terapêutico. Quando há essa sintonia, o progresso do aluno é mais consistente e visível.
As reuniões pedagógicas devem ser espaços não apenas para discutir rendimento escolar, mas também para construir, conjuntamente, planos de ação que atendam às necessidades dos alunos de maneira integral.
A escuta sensível por parte dos professores é outro fator determinante. Reconhecer os avanços, compreender as limitações e saber mediar os desafios sem julgamentos é o que fortalece o vínculo entre todos os envolvidos.

"A corresponsabilidade entre escola e família não é apenas desejável, mas essencial para o desenvolvimento de estratégias que possibilitem a aprendizagem de alunos com transtornos específicos" (Moraes, 2022, p. 101).

Os profissionais de apoio, como psicopedagogos e orientadores educacionais, também desempenham papel crucial nesse processo. Eles atuam como pontes entre a escola, a família e os serviços especializados, articulando ações que favorecem o desenvolvimento do estudante.
Promover encontros, oficinas e rodas de conversa com as famílias não deve ser visto como atividade secundária, mas como parte integrante do projeto pedagógico da escola.
Além disso, é fundamental que tanto a família quanto a escola reconheçam que a trajetória de um aluno com dislexia ou discalculia não deve ser pautada na busca pela normalização, mas na valorização das suas potencialidades.
O desenvolvimento não ocorre de forma linear, e cada conquista, por menor que pareça, representa um avanço significativo no percurso educacional e pessoal do estudante.
O compromisso compartilhado, fundamentado na empatia, na escuta e na corresponsabilidade, é o caminho mais sólido para garantir que os alunos com dislexia e discalculia se sintam pertencentes, capazes e protagonistas de sua própria aprendizagem.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO APOIO A ALUNOS COM DISLEXIA E DISCALCULIA
O avanço da tecnologia tem se mostrado [redacted] aliado na construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. Ferramentas digitais, aplicativos e recursos interativos oferecem alternativas eficientes para potencializar a aprendizagem de alunos com dislexia e discalculia.
A utilização da tecnologia vai além de simples recursos complementares.
Ela atua como uma ponte que conecta diferentes estilos de aprendizagem, possibilitando que cada aluno acesse o conhecimento de acordo com suas necessidades.

"A tecnologia assistiva, quando bem aplicada, promove autonomia, amplia as possibilidades de aprendizagem e favorece a inclusão escolar" (Revista Educação Especial, 2021, p. 78).

Entre os recursos mais utilizados para alunos com dislexia, destacam-se os softwares de leitura em voz alta, os aplicativos que transformam texto em áudio e os corretores ortográficos inteligentes,

que facilitam o desenvolvimento da escrita e da leitura.
Para os estudantes com discalculia, plataformas que utilizam jogos matemáticos, resolução de problemas em ambientes virtuais e aplicativos que trabalham com manipulação de números de forma visual são extremamente eficazes.

"O uso de ferramentas digitais no ensino da matemática permite que os alunos visualizem conceitos abstratos, tornando a aprendizagem mais concreta e acessível" (Cadernos de Educação, 2020, p. 93).

A gamificação também surge como estratégia inovadora e potente. Ela transforma atividades tradicionais em desafios lúdicos, estimulando o engajamento e a motivação dos alunos.

"A inserção de elementos de jogos no processo de ensino favorece o desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais e sociais, especialmente em alunos com dificuldades de aprendizagem" (Revista Psicopedagogia, 2019, p. 110).

Ferramentas como mapas mentais digitais, quadros interativos e softwares de organização de ideias auxiliam tanto na organização dos conteúdos quanto no desenvolvimento da autonomia dos alunos.

"A tecnologia não substitui o professor, mas amplia as possibilidades de intervenção pedagógica, tornando-a mais personalizada e eficiente" (Silva, 2022, p. 84).

Cabe à escola promover a formação dos docentes para o uso adequado desses recursos, garantindo que a tecnologia seja utilizada como instrumento de mediação, e não como um fim em si mesma.
Além dos benefícios no aspecto pedagógico, a tecnologia também contribui para o fortalecimento da autoestima dos alunos, que passam a perceber que suas dificuldades podem ser superadas com os apoios certos.
Outro aspecto relevante é a acessibilidade digital. Sites, plataformas e materiais didáticos precisam ser pensados para atender às necessidades específicas dos alunos, com opções de aumento de fonte, contraste de cores, audiodescrição e navegação simplificada.
A utilização de vídeos, podcasts e áudios como material complementar também é uma estratégia poderosa, pois permite que os alunos acessem os conteúdos de diferentes formas, respeitando seus ritmos de aprendizagem.
É importante ressaltar que a implementação da tecnologia no ambiente escolar deve estar alinhada ao projeto pedagógico e às diretrizes de inclusão, para que não se torne apenas uma prática isolada ou superficial.
A integração entre tecnologia, metodologias ativas e práticas inclusivas representa um caminho promissor para transformar a experiência escolar de alunos com dislexia e discalculia.
O uso inteligente e ético da tecnologia, aliado à sensibilidade dos educadores e ao apoio da família, tem o poder de transformar os desafios em oportunidades de crescimento, aprendizagem e superação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada de um aluno com dislexia ou discalculia dentro do ambiente escolar é marcada por desafios, mas também por inúmeras possibilidades de superação, quando há comprometimento, empatia e práticas pedagógicas inclusivas.
Este artigo buscou compreender, discutir e propor caminhos que possam contribuir efetivamente para a construção de uma educação mais justa, equitativa e capaz de acolher as diferentes formas de aprender.
Ao longo dos capítulos, ficou evidente que o diagnóstico não deve ser visto como sentença de incapacidade, mas como ponto de partida para intervenções pedagógicas conscientes, sensíveis e intencionalmente planejadas.
A escola tem papel central nesse processo. Ela deve ser um espaço de pertencimento, onde as diferenças são reconhecidas, valorizadas e, sobretudo, respeitadas.
O envolvimento da família e dos profissionais especializados é indispensável. Quando todos atuam de forma colaborativa, os resultados aparecem, tanto no desenvolvimento acadêmico quanto no fortalecimento da autoestima dos alunos.
As tecnologias, quando bem aplicadas, tornam-se poderosas ferramentas de

mediação e inclusão, permitindo que os estudantes superem barreiras que, sem o devido suporte, poderiam comprometer sua trajetória escolar.

Garantir uma educação inclusiva não é apenas uma obrigação legal ou institucional. É um compromisso ético, social e humano, que exige da escola um olhar atento, uma escuta sensível e uma ação constante na busca por práticas que respeitem a singularidade de cada sujeito.

Diante desse cenário, podemos afirmar que a inclusão de alunos com dislexia e discalculia é absolutamente possível. Mais do que isso, ela é necessária, urgente e transformadora, tanto para os alunos quanto para toda a comunidade escolar.

Quando a escola assume seu papel de promotora da diversidade e da equidade, ela não apenas ensina conteúdos, mas também constrói cidadãos mais empáticos, conscientes e preparados para conviver com as diferenças.

Que este trabalho inspire práticas, reflexões e ações que contribuam para que os números e as palavras deixem de ser obstáculos e passem a ser pontes para o conhecimento, o desenvolvimento e a realização pessoal de todos os alunos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Dislexia: o que é, sinais, diagnóstico e intervenções. São Paulo, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

CADERNOS DE EDUCAÇÃO. Tecnologias e práticas inclusivas no ensino da matemática. Porto Alegre: PUCRS, v. 33, n. 125, 2020.

CADERNOS DE EDUCAÇÃO. Parceria escola e família na inclusão. Porto Alegre: PUCRS, v. 32, n. 119, 2019.

FONSECA, V. Desenvolvimento e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica. Petrópolis: Vozes, 2014.

LIMA, D. R. de. Tecnologias digitais e inclusão escolar: possibilidades e desafios. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 34, n. 1, p. 75-89, 2021.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MORAES, A. F. Intervenções psicopedagógicas na dislexia e discalculia: uma abordagem prática. São Paulo: Wak Editora, 2022.

OLIVEIRA, R. S. Práticas pedagógicas inclusivas mediadas por tecnologias. São Paulo: Cortez, 2021.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Desafios e possibilidades na inclusão de alunos com transtornos de aprendizagem. Marília: ABPEE, v. 26, n. 1, 2020.

REVISTA EDUCAÇÃO ESPECIAL. A construção da parceria escola e família na inclusão. Santa Maria: UFSM, v. 32, n. 2, 2019.

REVISTA PSICOPEDAGOGIA. Tecnologias no apoio a dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 36, n. 109, 2019.

REVISTA PSICOPEDAGOGIA. Práticas pedagógicas inclusivas e mediação tecnológica. São Paulo: Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 37, n. 113, 2021.

SILVA, A. L. Tecnologias assistivas e práticas pedagógicas inclusivas. São Paulo: Penso, 2022.

SMITH, R. A. Dislexia e discalculia: compreensão, diagnóstico e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2015.

UNESCO. Diretrizes sobre políticas da inclusão na educação. Paris: UNESCO, 2009.